



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA**  
**FACULDADE DE ENFERMAGEM**



**PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES NO  
TRATAMENTO ONCOLÓGICO**

**ANNE VICTÓRIA DE OLIVEIRA RIOS**

**JUIZ DE FORA**

**2024**

# **PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES NO TRATAMENTO ONCOLÓGICO**

**ANNE VICTÓRIA DE OLIVEIRA RIOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Enfermagem.

**Orientador:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Angela Maria Corrêa Gonçalves

**JUIZ DE FORA  
2024**

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Rios, Anne Victória.  
Práticas integrativas e complementares no tratamento oncológico / Anne Victória Rios. -- 2024.  
52 p.

Orientadora: Ângela Gonçalves  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Enfermagem, 2024.

1. Oncologia. 2. Manejo dos sintomas . 3. Práticas Integrativas. I. Gonçalves, Ângela , orient. II. Título.

# **PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES NO TRATAMENTO ONCOLÓGICO**

**ANNE VICTÓRIA DE OLIVEIRA RIOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Enfermagem.

Aprovada em 11 de setembro de 2024.

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Angela Maria Corrêa Gonçalves - Orientador  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Geovana Brandão Santana Almeida - Participante  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof. Ms. Thais Vasconcelos Amorim - Participante  
Universidade Federal de Juiz de Fora

# SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	08
2	<b>REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	12
2.1	Câncer: da descoberta à busca pelo tratamento .....	12
2.2	O que é medicina integrativa.....	15
2.3	As PICs como nova estratégia para a promoção da saúde, prevenção e recuperação de agravos.....	20
2.4	PICS e a enfermagem .....	23
3	<b>PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	27
3.1	Tipo de estudo .....	27
3.2	Questão de pesquisa .....	28
3.3	Busca da literatura .....	28
3.4	Crítérios de inclusão e exclusão .....	28
3.5	Análise dos dados .....	29
4	<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	35
4.1	Práticas Integrativas e Complementares utilizadas por profissionais de saúde no cuidado dos indivíduos em tratamento oncológico.....	35
4.2	Práticas Integrativas e Complementares utilizadas por enfermeiros como possibilidade no tratamento alternativo em oncologia.....	39
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	46
6	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	48

## RESUMO

O câncer é uma doença que afeta a vida do paciente, seja no aspecto biológico, psicológico ou social, visto de modo geral como uma enfermidade que remete ao sofrimento e a morte. Os tratamentos convencionais do câncer são muito agressivos e muitos pacientes tornam-se reféns das medicações, sendo abatidos física e psicologicamente. As práticas integrativas constituem uma abordagem que combina práticas convencionais e não convencionais de tratamento para o cuidado. **Objetivos:** Conhecer as Práticas Integrativas e Complementares utilizadas por profissionais de saúde no cuidado dos indivíduos em tratamento oncológico e identificar as Práticas Integrativas e Complementares citadas por enfermeiros como possibilidade no tratamento alternativo em oncologia. **Método:** Trata-se de um estudo de revisão integrativa que utilizou 24 artigos em sua amostra que possibilitou a estruturação de duas categorias temáticas, a saber: **Resultados:** 1) Práticas Integrativas e Complementares utilizadas por profissionais de saúde no cuidado dos indivíduos em tratamento oncológico onde se destacaram o uso das seguintes PICs pelos profissionais de saúde: fitoterapia, aromaterapia, Reiki, acupuntura, musicoterapia e relaxamento, utilizadas concomitantemente com as terapias convencionais. 2) Práticas Integrativas e Complementares utilizadas por enfermeiros como possibilidade no tratamento alternativo em oncologia. Os enfermeiros, dos artigos selecionados, apontaram a aromaterapia, acupuntura, Reiki, toque terapêutico, Yoga, massagem e musicoterapia como terapias que trouxeram benefícios para os pacientes. **Considerações finais:** As PICs não devem ser vistas como uma estratégia para reparar ou substituir os elementos do sistema que não funcionam de maneira satisfatória, visto que elas próprias possuem diversas limitações. Essas práticas se apresentam como complemento a uma assistência em saúde podem vir a contribuir para complemento e melhoramento de uma assistência já efetiva, oferecendo estratégias de autocuidado, promoção de saúde e qualidade de vida.

**PALAVRA CHAVE:** Práticas Integrativas e Complementares, Tratamento oncológico, enfermeiro.

## **ABSTRACT**

Cancer is a disease that affects the patient's life, whether in the biological, psychological or social aspect, generally seen as a disease which refers to suffering and death. Conventional cancer treatments are very aggressive and many patients become hostages of medication, being physically and psychologically beaten down. Integrative practices are an approach that combines conventional and unconventional treatment practices for care. Objectives: To know the Integrative and Complementary Practices used by health professionals in the care of individuals in oncological treatment and to identify the integrative and complementary practices quoted by nurses as a possibility in the alternative treatment of oncology. Method: This is an integrative review study that used 24 articles in its sample that made it possible to structure two thematic categories, namely: Results: 1) Integrative and Complementary Practices used by health professionals in the care of individuals in oncological treatment where the use of the following PICs by healthcare professionals was highlighted: phytotherapy, aromatherapy, Reiki, acupuncture, music therapy and relaxation, used simultaneously with conventional therapies. 2) Integrative and Complementary Practices used by nurses as a possibility in alternative treatment in oncology. The nurses, from the selected articles, pointed out aromatherapy, acupuncture, Reiki, therapeutic touch, Yoga, massage and music therapy as therapies that brought benefits to patients. Concluding considerations: PICs should not be seen as a strategy to repair or replace elements of the system that do not work satisfactorily, since they themselves have several limitations. These practices present themselves as a complement to a health care can contribute to complement and improvement of an already effective care, offering strategies of self-care, health promotion and quality of life.

**KeyWords:** Integrative and Complementary Practices, Cancer treatment, nurse.

# 1 INTRODUÇÃO

Dentre as principais causas de mortes por doenças crônicas, o câncer tem ganhado destaque (OMS, 2019). O câncer é o principal problema de saúde pública no mundo e já está entre as quatro principais causas de morte prematura (antes dos 70 anos de idade) na maioria dos países (INCA, 2019). Estudos apontam que, devido a agressividade dos tratamentos convencionais contra o câncer (quimioterapia, radioterapia e cirurgia), esses pacientes apresentam mais sintomas como medo, desespero, exaustão emocional e física e, conseqüentemente, maiores índices de depressão e ansiedade, quando comparados com outras doenças crônicas (TURKE et al., 2020; PETERS et al., 2016).

Segundo um estudo da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), em nosso país, são esperados 704 mil casos novos de câncer entre 2023-2025. Sendo o câncer de mama feminina e o de próstata os mais incidentes com 73 mil e 71 mil casos novos, respectivamente. Em seguida, o câncer de cólon e reto (45 mil), pulmão (32 mil), estômago (21 mil) e o câncer do colo do útero (17 mil). As queixas dos pacientes oncológicos variam de acordo com o tipo e o estágio, porém, segundo Claudia Naylor, diretora do Hospital do Câncer IV, unidade de cuidados paliativos do INCA – dedicada à qualidade de vida de pacientes sem possibilidade de cura do tumor os sintomas mais comuns em pacientes no estágio avançado são: dor, perda de apetite e fadiga. (SANTOS et al, 2023).

O câncer é uma doença que afeta a vida do paciente, seja no aspecto biológico, psicológico ou social, visto de modo geral como uma enfermidade que remete ao sofrimento e a morte. Compreendendo o contexto biopsicossocial do paciente, admite-se que, diante o diagnóstico, ele pode enfrentar grandes dificuldades como: alteração da rotina diária em virtude do tratamento, alterações fisiológicas, maior dependência de cuidados de terceiros, mudança de hábitos como tabagismo e etilismo, alteração da imagem corporal, isolamento social, entre outras (MOURA, & RABELO, 2019).

De forma geral, as principais formas de tratamento de um câncer são a **radioterapia**, a **quimioterapia** e a **cirurgia**. A radioterapia consiste em combater localmente o tumor cancerígeno, por meio de radiações ionizantes. Já a quimioterapia consiste no uso de medicamentos que agem sobre as células cancerígenas, que estão crescendo e se multiplicando desordenadamente (INCA, 2020).



Para pacientes com câncer, as práticas integrativas podem desempenhar um papel importante no manejo dos efeitos colaterais do tratamento, como náuseas, fadiga, dor e ansiedade. Além disso, essas práticas podem melhorar a qualidade de vida, promovendo o bem-estar emocional e físico, além de ajudar os pacientes a lidar melhor com o estresse associado ao diagnóstico e ao tratamento do câncer (XAVIER & TAETS 2021).

Desde o século passado, a procura por terapias alternativas está em ascensão, em consequência ao entendimento do conceito amplificado de saúde, na qual consiste em um estado de completo bem-estar físico, mental e social (Brasil, 2017). Contrário ao sistema ocidental biomédico, que trata apenas sintomas patológicos, o sistema médico oriental considera a causa da enfermidade como uma desordem do corpo e espírito e, dessa forma, tende a tratar o ser humano na sua integralidade (JACODINO et al., 2008; MILLER, 2015).

A Medicina Alternativa e Complementar vem ganhando força a partir da década de 70, destacando-se como alternativa na substituição de tratamentos alopáticos e procedimentos convencionais ou a fim de complementar um tratamento em andamento, visando promover a saúde e bem-estar ao paciente, diminuindo a possibilidade de efeitos colaterais e reações adversas (TELESSI JÚNIOR, 2016).

Os tratamentos convencionais do câncer são muito agressivos e muitos pacientes tornam-se reféns das medicações, sendo abatidos física e psicologicamente. Em muitos casos, onde a doença é descoberta já em estágio avançado, o paciente teme em passar por esse tipo de tratamento, por medo do sofrimento que ele poderá trazer (BRASIL, 2018).

As práticas integrativas constituem uma abordagem que combina práticas convencionais e não convencionais de tratamento para o cuidado. Segundo dados científicos, os efeitos positivos das Práticas Integrativas e Complementares (PICS), como a meditação e a yoga, por exemplo, se destacam para problemas físicos e metabólicos, como para as dores crônicas, diabetes, hipertensão, obesidade e também, para o bem-estar e qualidade de vida das pessoas. Assim, essas práticas visam não apenas o aspecto físico, mas também o emocional, mental, espiritual, social e o bem estar do indivíduo, o vendo como um todo, amenizando sintomas de depressão e ansiedade (BRASIL, 2018).

Hoje, no Brasil, são ofertadas 29 práticas integrativas: Acupuntura, Homeopatia, Fitoterapia, Antroposofia, Termalismo, Arteterapia, Ayurveda, Biodança,

Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa, Yoga, Apiterapia Aromaterapia, Bioenergética, Constelação familiar, Cromoterapia, Geoterapia, Hipnoterapia, Imposição de mãos, Ozonioterapia e Terapia de Florais (BRASIL, 2018).

Nos tratamentos oncológicos as PICs são aplicadas em parceria com os tratamentos convencionais, tendo por objetivos um cuidado integral, o fortalecimento do sistema imunológico, a minimização dos sinais e sintomas da doença, assim como uma melhora do estado de saúde geral do paciente e uma melhor qualidade de vida para que o mesmo tenha forças para seguir o tratamento convencional (ALVES et al., 2015).

A perspectiva da integralidade é baseada não somente na assistência, mas também no modelo biopsicossocial, na garantia de comunicação e de acesso aos diferentes níveis de atenção à saúde, nos diferentes saberes das equipes multiprofissionais e no foco em ações de promoção da saúde e prevenção das doenças (DACAL; SILVA, 2018). Diante disso, em 2006, o Ministério da Saúde criou a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC).

Partindo desse contexto, este estudo tem como hipótese de indagação: após a implementação das Práticas Integrativas e Complementares (PICs), tem havido interesse dos pacientes oncológicos em tratamento quimioterápico, e da equipe multidisciplinar em aliar a terapia com ao tratamento convencional? É possível aliar tratamentos convencionais, às terapêuticas tradicionais como as Práticas Integrativas e Complementares? As Práticas Integrativas e Complementares (PICs), estão presentes no trabalho cotidiano dos profissionais de enfermagem e como elas são utilizadas no cuidado dos aspectos psíquicos e emocionais das pessoas em tratamento oncológico?

Nesse sentido, o presente trabalho traz os seguintes objetivos:

**Geral:**

- Conhecer as Práticas Integrativas e Complementares utilizadas por profissionais de saúde no cuidado dos indivíduos em tratamento oncológico.

**Específico:**

- Identificar as Práticas Integrativas e Complementares citadas por enfermeiros como possibilidade no tratamento em oncologia.

Com este estudo espera-se compreender que práticas desta natureza podem estar presentes no trabalho cotidiano dos profissionais de saúde, inclusive do enfermeiro, e apresentar como elas são utilizadas no cuidado dos aspectos físicos, psíquicos e emocionais nos portadores de câncer.

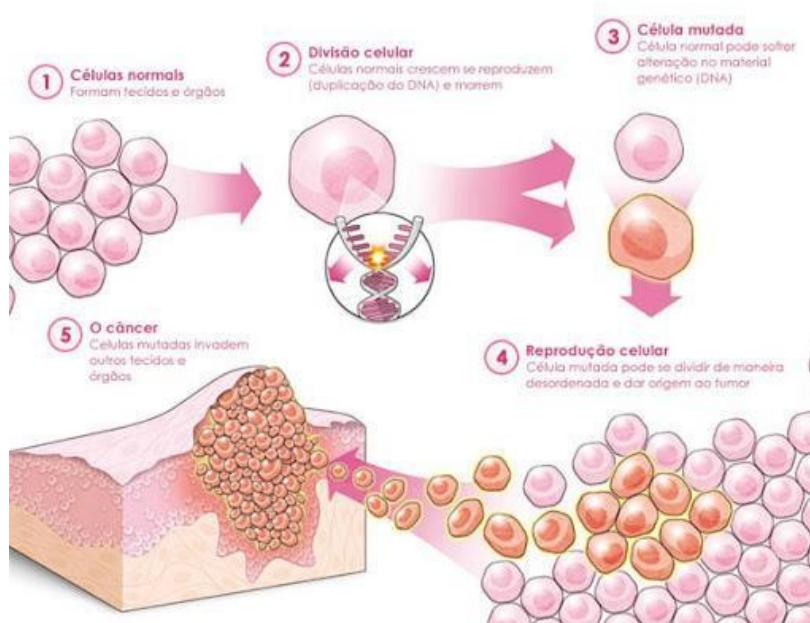
Acreditamos, dessa forma, contribuir para a formação de profissionais mais capacitados e motivados a implementar às PICs ao cuidado já preconizado pelos órgãos de saúde.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 Câncer: da descoberta à busca pelo tratamento

O câncer é o conjunto de mais de 100 doenças que se caracterizam pelo crescimento desordenado de células que invadem tecidos e órgãos adjacentes, comprometendo a saúde dos homens há mais de 3 mil anos antes de cristo. A divisão celular é um processo natural do ciclo celular, a maioria das células normais cresce, multiplica-se e morre de maneira ordenada, porém, nem todas as células normais são iguais, algumas nunca se dividem e outras se dividem rapidamente. Assim, nem toda proliferação celular está associada a malignidade, podendo ser apenas necessidades fisiológicas (BRASIL, 2022).

**Fig 1 – Proliferação celular**

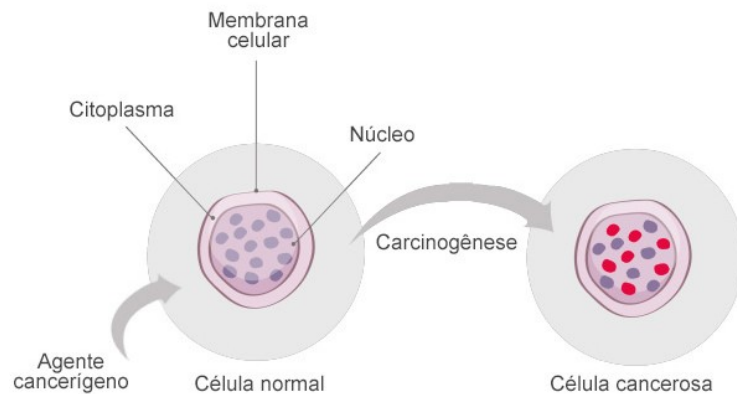


Fonte: <https://brainly.com.br/tarefa/28484045>

Desse modo, as células cancerígenas ao invés de sofrerem apoptose, elas continuam aumentando e se replicando de forma incontrolável, chamada de neoplasia, causando alterações funcionais no organismo (BRASIL, 2022).

As neoplasias podem ser benignas ou malignas. As neoplasias benignas ou tumores benignos têm seu crescimento de forma organizada, geralmente lento, expansivo e apresentam limites bem nítidos. Apesar de não invadirem os tecidos vizinhos, podem comprimir os órgãos e tecidos adjacentes. O lipoma (que tem origem no tecido gorduroso), o mioma (que tem origem no tecido muscular liso) e o adenoma (tumor benigno das glândulas) são exemplos de tumores benignos.

**Fig. 2 – Evolução célula normal e célula cancerosa**



Fonte - [https://drluiscesarbredt.com.br/luis\\_cesar\\_bredt/cancer/](https://drluiscesarbredt.com.br/luis_cesar_bredt/cancer/)

As neoplasias malignas ou tumores malignos manifestam um maior grau de autonomia e são capazes de invadir tecidos vizinhos e provocar metástases, podendo ser resistentes ao tratamento e causar a morte do hospedeiro (BRASIL, 2022).

<b>Quadro 1 - Características principais das neoplasias</b>	
<b>Neoplasia benigna</b>	<b>Neoplasia maligna</b>
Apresenta limites bem definidos	Apresenta limites pouco definidos
Crescimento lento	Crescimento rápido
Incapaz de invadir outros tecidos	Capaz de invadir outros tecidos
Não provoca metástases	Pode provocar metástase

Fonte - <https://brasilecola.uol.com.br/doencas/neoplasia.htm>

Alterações celulares podem ocorrer, independente de exposição a agentes cancerígenos, sofrendo mutações, mas não mudando suas funções. Porém, as

alterações podem ocorrer em genes especiais, os proto-oncogenes transformam-se em oncogenes, responsáveis pela malignização (cancerização) das células normais. Tais alterações podem ser causadas por diversos fatores: genéticos, dieta, estresse, trauma, obesidade, exposição excessiva ao sol, exposição a toxinas ambientais, como poluição, radiação, fumo ou ingestão abusiva de bebidas alcoólicas (INCA, 2020).

Sempre que detectado um tumor é necessário fazer o estadiamento, ou seja, a avaliação da extensão do comprometimento do organismo, na qual se baseará o planejamento terapêutico. Essa classificação permite ao médico especialista em oncologia propor o tratamento mais adequado para cada paciente, uma vez que dois pacientes, com o mesmo tipo de câncer, mas com estadiamentos diferentes, podem ter diferentes propostas de tratamento (INCA, 2020).

As neoplasias malignas, por sua vez, podem ser mais graves e necessitar de tratamentos mais complexos. Além das cirurgias para a retirada do tumor, podemos citar como tratamentos do câncer (BRASIL, 2022):

- *Quimioterapia*: baseia-se no uso de determinados medicamentos que destruirão as células que formam o tumor. A quimioterapia pode ser administrada via oral, intravenosa, intramuscular, subcutânea, intratecal e tópica.
- *Radioterapia*: consiste no tratamento do câncer utilizando radiações ionizantes. O tratamento visa destruir as células que causam o tumor ou impedir que ele aumente. A radioterapia pode ser feita de duas formas: radioterapia externa ou braquiterapia. Na radioterapia externa, o aparelho que emite a radiação fica afastado do paciente e direcionado para a área que deve ser tratada. Na braquiterapia, são colocados aplicadores no paciente e a radiação é emitida do aparelho para os aplicadores.
- *Transplante de medula óssea*: é um tratamento feito quando o paciente apresenta doenças que afetam as células do sangue, como as leucemias. Nesse tratamento, o paciente receberá células normais da medula óssea. O transplante pode ser autogênico, quando a medula é proveniente do próprio paciente, ou alogênico, quando a medula vem de um doador.

As principais metas do tratamento são: cura, prolongamento da vida útil e melhora da qualidade de vida. Existem três abordagens principais no tratamento do câncer, sendo elas: quimioterapia, radioterapia e cirurgia. Essas modalidades

terapêuticas podem ser combinadas de maneiras diversas, ajustando-se de acordo com a sensibilidade específica dos tumores a cada método e determinando a sequência mais eficaz para sua administração (INCA, 2011).

As estratégias de controle do câncer abrangem não apenas prevenção, detecção precoce, diagnóstico e tratamento, mas também incluem cuidados paliativos. Os cuidados paliativos visam melhorar a qualidade de vida dos pacientes e seus familiares, enfrentando doenças que representam risco de vida por meio da prevenção e do alívio do sofrimento. Isso implica na identificação antecipada e tratamento da dor e de outros sintomas, abrangendo aspectos físicos, psicossociais e espirituais (INCA, 2022).

Nesse contexto, é necessária uma integralização do cuidado, levando a diferentes abordagens terapêuticas.

## **2.2 O que é medicina integrativa**

O desencanto em relação ao modelo biomédico tradicional ou à medicina convencional tem impulsionado um aumento significativo na busca por formas alternativas de tratamento. Esse movimento de procura por práticas alternativas ganhou destaque na década de 1960, impulsionado por uma série de fatores, como a mudança no perfil de morbimortalidade, com a redução das doenças infectocontagiosas e o aumento das doenças crônico-degenerativas em alguns países (OTANI & BARROS, 2011).

O crescimento da expectativa de vida também desempenhou um papel crucial, levando as pessoas a repensarem suas abordagens em relação à saúde. Além disso, críticas à relação desigual de poder entre médicos e pacientes, onde muitas vezes as informações sobre tratamentos não eram adequadamente compartilhadas, contribuíram para a busca por alternativas (OTANI & BARROS, 2008).

A conscientização sobre as limitações da medicina convencional em lidar eficazmente com certas doenças, especialmente as crônicas, tornou-se um motivador importante. A insatisfação com o funcionamento do sistema de saúde moderno, marcado por longas listas de espera e restrições financeiras, também impulsionou a

procura por abordagens mais abrangentes e centradas no paciente (OTANI & BARROS, 2008).

Nesse contexto, vale salientar que a *Medicina Convencional* é o sistema médico oficial da cultura ocidental, que possui um caráter mais curativo do que preventivo, além de não tratar do ser humano em toda sua complexidade. Já a *medicina tradicional* tem uma longa história, ancestralidade ou tradição. É a soma de conhecimentos, capacidades e práticas baseadas em teorias, crenças e experiências de diferentes culturas, explicáveis pelos métodos científicos atuais ou não, utilizadas para manter a saúde e prevenir, diagnosticar, melhorar ou tratar doenças físicas e mentais (BRASIL, 2018).

No final da década de 1990, na tentativa de descrever um novo modelo de saúde que retrate a integração dos diversos modelos terapêuticos, mais do que simplesmente opere com a lógica complementar, e que ofereça o cuidado integral à saúde, foi criado o termo "Medicina Integrativa" (MI) de acordo com Otani & Barros, (2011).

Sousa et al., (2018, p. 2), define a Medicina Integrativa (MI) como sendo

a prática médica centrada no paciente, que visa abordá-lo de forma holística (corpo, mente e espiritualidade), individualizando sempre o atendimento, pois reconhece que cada ser é singular em suas características biológicas, emocionais, sociais e culturais. É sempre baseada em evidências científicas e acredita na interdisciplinaridade, reunindo profissionais de diversas formações, como melhor forma de assistência ao paciente.

No Brasil, a implantação das práticas complementares no Sistema Único de Saúde (SUS) teve início em 2006, com a criação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC). Atualmente, encontram-se inseridos 29 tipos de práticas complementares no SUS, dentre elas a fitoterapia, homeopatia, medicina tradicional chinesa, ioga e aromaterapia (SAVARIS et al., 2019).

As PICs são categorizadas em quatro grandes grupos: 1) os sistemas médicos alternativos (medicina tradicional chinesa e acupuntura); 2) as intervenções mente-corpo (meditação, oração de cura, grupos de apoio e toque terapêutico); 3) as terapias de base biológica (ervas, suplementos alimentares, vitaminas, fitoterapia e chá verde); e 4) a manipulação do corpo baseada em métodos (massagem, quiropraxia, osteopatias e terapias energéticas) (TENG, 2010).



**Fig 3 - As 29 práticas que compõem as PICS**



Fonte - <https://www.saude.mg.gov.br/PICs>

O conhecimento ampliado sobre os potenciais riscos dos efeitos colaterais de medicamentos e intervenções cirúrgicas tem levado as pessoas a explorarem opções que abordem não apenas os sintomas, mas também as causas subjacentes das doenças. Nesse contexto, a medicina integrativa surge como uma abordagem holística que combina o melhor da medicina convencional com terapias complementares e práticas voltadas para o bem-estar global do indivíduo. Essa abordagem visa não apenas tratar doenças, mas promover a saúde, considerando aspectos físicos, emocionais, sociais e espirituais, proporcionando uma visão mais abrangente e participativa no cuidado da saúde (MENIN, 2020).

Os cuidados de saúde integrativos muitas vezes reúnem abordagens convencionais e complementares de forma coordenada. Enfatizam uma abordagem holística e focada no paciente para cuidados de saúde e bem-estar - muitas vezes incluindo aspectos mentais, emocionais, funcionais, espirituais, sociais e comunitários

– e tratam a pessoa como um todo e não só sua condição/doença isolada (MENIN, 2020).

As medicinas tradicionais complementares e integrativas constituem um importante modelo de cuidado à saúde ao considerar o indivíduo em sua integralidade, singularidade e complexidade, levando em conta sua inserção sociocultural com ênfase na relação profissional/usuário, o que contribui para a humanização da atenção (MENIN, 2020).

As principais características da medicina integrativa, são:

- *Visão Integral do Indivíduo:* A medicina integrativa adota uma perspectiva abrangente, considerando a conexão intrínseca entre corpo, mente e espírito. Sua abordagem visa compreender e tratar os diversos aspectos físicos, emocionais, sociais e espirituais que influenciam a saúde.
- *Integração de Abordagens Diversificadas:* Essa prática busca unir métodos e terapias provenientes da medicina convencional, como medicamentos e procedimentos cirúrgicos, com abordagens complementares, como acupuntura, massagem, terapias nutricionais e mindfulness, promovendo uma visão mais completa do cuidado médico.
- *Colaboração Médico-Paciente:* A medicina integrativa destaca a importância da colaboração entre profissionais de saúde e pacientes. Encoraja a participação ativa dos pacientes no processo de tomada de decisões sobre sua própria saúde, promovendo uma relação mais igualitária e informada.
- *Ênfase na Prevenção e Promoção da Saúde:* Além de tratar condições existentes, a medicina integrativa prioriza a prevenção de doenças e a promoção de estilos de vida saudáveis, reconhecendo que a manutenção da saúde é tão vital quanto o tratamento de enfermidades.
- *Utilização Consciente de Recursos Médicos:* Busca otimizar o uso de recursos médicos, evitando intervenções desnecessárias e preferindo abordagens menos invasivas sempre que possível, contribuindo para uma prática médica mais sustentável.
- *Abordagem Personalizada:* Reconhecendo a singularidade de cada indivíduo, a medicina integrativa adota planos de tratamento personalizados, adaptados

às necessidades específicas de cada paciente, levando em consideração suas características únicas e respostas individuais.

- *Incorporação de Terapias Tradicionais e Complementares Baseadas em Evidências*: Inclui práticas tradicionais e complementares, como medicina tradicional chinesa, ayurveda, homeopatia e naturopatia, quando respaldadas por evidências científicas, proporcionando uma gama diversificada de opções terapêuticas.

As Práticas Integrativas e Complementares estão presentes em 54% dos municípios brasileiros e em todas as capitais, a sua maioria fornecida pela atenção básica, sendo as mais ofertadas a fitoterapia e a acupuntura, havendo grande diversidade no seu uso. Entretanto, essa cobertura ainda é insuficiente dada a extensão do país e do SUS (AGUIAR et al., 2019).

No entanto, diversas são as barreiras para implementação efetiva da Medicina Integrativa, sendo uma das maiores o déficit na formação e qualificação dos profissionais atuantes nessas áreas. Outro problema enfrentado é a resistência por parte de muitos profissionais, muitas vezes reflexo do desconhecimento dessas práticas e das políticas públicas relacionadas ou mesmo pelas transformações nas relações de poder dentro do campo da saúde que esse modelo proporciona. Ademais, faltam pesquisas que avaliem e acompanhem os serviços prestados no Brasil como uma forma de melhorar a sua qualidade (CRUZ & SAMPAIO, 2016; REIS et al., 2018).

Verifica-se que as práticas da Medicina Integrativa baseiam-se em métodos menos invasivos e menos custosos, sendo o seu intuito integrar as terapias tradicionais (da medicina curativa) com as complementares (baseadas nos aspectos emocional, psicológico e espiritual do indivíduo), logo a análise do custo precisa considerar seu impacto a longo prazo tanto no âmbito econômico quanto em relação à abordagem integral e holística que os métodos integrativos propõem para seus usuários (NASCIMENTO et al., 2018).

Os benefícios já comprovados cientificamente da abordagem integrativa são inúmeros, sobretudo por incorporar aspectos da qualidade de vida, bem-estar emocional e vitalidade, levar em conta questões subjetivas do adoecer e valorizar diferentes dimensões da vida do paciente (SAVARIS LE, et al., 2019).

### **2.3 As PICs como nova estratégia para promoção da saúde, prevenção e recuperação de agravos**

No Brasil, a legitimação e a institucionalização dessas abordagens de atenção à saúde se iniciaram a partir da década de 1980, após a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), que trouxe a descentralização e a participação popular, levando Estados a implantarem experiências pioneiras no campo das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS).

As PICS são definidas como recursos terapêuticos voltados à prevenção complementar de diversas doenças e promoção de saúde. As PICs podem ser tidas como parte de tratamentos paliativos, em algumas doenças crônicas, assim mostrando benefícios quando integradas a medicina convencional (BRASIL, 2018a; 2018b).

O movimento nacional brasileiro resultou na elaboração da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), que tem como princípios norteadores: incorporar e implementar as PICs no SUS, voltadas ao cuidado continuado, humanizado e integral em saúde; estimular as ações referentes ao controle/participação social; promover a racionalização das ações de saúde, estimulando alternativas inovadoras e socialmente contributivas ao desenvolvimento sustentável de comunidades; e contribuir com o aumento da resolubilidade do sistema de saúde e ampliação do acesso (BRASIL, 2018a; 2018b).

Partindo de uma abordagem integral e dinâmica do processo saúde-doença, as PICs impulsionam mecanismos naturais de prevenção de agravos e recuperação da saúde a partir de um projeto terapêutico que valoriza o vínculo, o acolhimento, o toque e a escuta ativa como elementos essenciais para proporcionar conforto e segurança visando a prevenção, promoção e manutenção da saúde das pessoas (CROCKER et al., 2017; SOUSA et al., 2018).

Vale ressaltar que as PICs podem ser utilizadas tanto de forma individual quanto em grupos, porém a escolha da prática a ser adotada deve ser precedida por uma avaliação prévia dos benefícios esperados tendo como referência as preferências, características, valores culturais e necessidades individuais e/ou dos grupos, bem como a experiência e o conhecimento do profissional nessa área (CROCKER et al., 2017; SOUSA et al., 2018).

Torna-se importante destacar que um dos mais importantes princípios da Medicina Integrativa é o autocuidado, centralizando o paciente na relação terapêutica e transformando-o em um ser ativo em sua própria saúde. Defende também a singularidade e flexibilidade, ou seja, o foco do cuidado é a pessoa e não a doença, adaptando sempre o plano terapêutico ao usuário e seu contexto. Além disso, é uma assistência à saúde que busca a prevenção de doenças e a melhoria da qualidade de vida, e não apenas a cura ou o cessar dos sintomas. A partir de um plano de cuidados criado pela integração entre médico e paciente, a Medicina Integrativa almeja ampliar a sensação de bem-estar e felicidade após suas intervenções. Dentre os pilares dessa prática, a interdisciplinaridade exerce papel fundamental, à medida que profissionais de diversas áreas reúnem seus conhecimentos e experiências em prol da saúde do paciente (CROCKER et al., 2017; SOUSA et al., 2018).

Como destacado anteriormente, o SUS oferece gratuitamente 29 procedimentos: apiterapia, aromaterapia, arteterapia, ayurveda, biodança, bioenergética, constelação familiar, cromoterapia, dança circular e geoterapia, hipnoterapia, homeopatia, imposição das mãos, medicina antroposófica, medicina tradicional chinesa – acupuntura, meditação, musicoterapia, naturopatia, osteopatia, ozonioterapia, plantas medicinais –, fitoterapia, quiropraxia, reflexoterapia, reiki, shantala, terapia cognitiva integrativa, terapia florais, termalismo social/crenoterapia e yoga (BRASIL, 2018c).

As PICs podem revitalizar a assistência à saúde, amenizando o padrão biologizante e medicalizante do cuidado moderno. Na medida em que focam os sujeitos como pessoas, não como objetos, valorizando seus contextos sociais, democratizando as relações terapêuticas através da dialogicidade (SUMIYA et al., 2021).

Nesse sentido, o *Instituto Nacional do Câncer* (INCA) desempenha um papel crucial como órgão auxiliar do Ministério da Saúde, encarregado do desenvolvimento e coordenação de ações abrangentes para prevenção e controle do câncer no Brasil. Suas responsabilidades englobam a prestação gratuita de assistência médico-hospitalar a pacientes com câncer por meio do Sistema Único de Saúde, além de atuações estratégicas nas áreas de prevenção, detecção precoce, capacitação de profissionais especializados, pesquisa e produção de dados epidemiológicos. O INCA lidera diversos programas nacionais voltados ao controle do câncer e se destaca como

detentor do parque público de diagnóstico por imagem mais avançado da América Latina (BRASIL, 2022).

Algumas das práticas integrativas utilizadas pelo INCA incluem:

- *Acupuntura*: Uma técnica milenar da medicina tradicional chinesa que envolve a inserção de agulhas em pontos específicos do corpo para promover o equilíbrio energético.
- *Reiki*: Uma terapia baseada na canalização de energia através das mãos para promover o equilíbrio físico, emocional e espiritual.
- *Musicoterapia*: O uso da música como ferramenta terapêutica para melhorar o bem-estar emocional e físico dos pacientes.
- *Arteterapia*: Utilização de atividades artísticas para ajudar os pacientes a expressarem emoções, reduzirem o estresse e promoverem o relaxamento.
- *Yoga e meditação*: Práticas que envolvem técnicas de respiração, posturas físicas e meditação para promover o equilíbrio mental e físico.
- *Fitoterapia*: Uso de plantas medicinais para auxiliar no tratamento, minimizar efeitos colaterais, e melhorar a qualidade de vida.
- *Homeopatia*: Uma abordagem terapêutica que utiliza substâncias altamente diluídas para estimular a capacidade de cura do corpo.

No Brasil, as PICs foram institucionalizadas no SUS pela Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC), emergindo como uma forma de efetivar a garantia dos princípios do SUS de integralidade da assistência e também da universalidade do acesso à saúde. A PNPIC foi aprovada por meio da Portaria GM/MS nº 971, de 3 de maio de 2006, de forma a unificar e normatizar essas práticas em todo o território nacional, sendo elas a homeopatia, medicina tradicional chinesa/acupuntura, plantas medicinais e fitoterapia, medicina antroposófica e termalismo social/crenoterapia (CRUZ & SAMPAIO, 2016).

Em março de 2017, a partir da publicação da Portaria GM nº 849/2017, a PNPIC passou a abranger: arteterapia, ayurveda, biodança, dança circular, meditação, musicoterapia, naturopatia, osteopatia, quiropraxia, reflexoterapia, reiki, shantala, terapia comunitária integrativa e ioga. Por fim, em 2018, pela portaria nº 702, foram adicionadas ainda: aromaterapia, apiterapia, bioenergética, constelação familiar, cromoterapia, geoterapia, hipnoterapia, imposição de mãos, ozonioterapia e terapia

de florais, totalizando assim 29 tipos de práticas complementares (FERRAZ et al., 2020).

A medicina integrativa pode ser utilizada por diversas áreas da saúde, seja durante consulta médica, atendimento ambulatorial ou internação. Ela é praticada por médicos e enfermeiros, incluindo aos tratamentos psicólogos, nutricionistas, fisioterapeutas, fitoterapeutas, acupunturistas, dentre outros profissionais.

O Brasil é referência mundial no que diz respeito à inserção destas práticas no sistema público de saúde. As experiências brasileiras são citadas em relatórios da OMS que, desde 1970, incentiva os países membros a implementarem políticas na área das medicinas tradicionais e complementares (MTC).

Estima-se que em 2017, 2018 e em parte de 2019, o SUS tenha atendido 3.099.961 de pessoas individualmente por meio de práticas integrativas e complementares, distribuídas por 15.603 estabelecimentos de 3.173 municípios (SILVA et al, 2020).

## **2.4 – PICs e a enfermagem**

A enfermagem abrange uma ampla gama de trabalhos relacionados ao cuidado do paciente, como: assistência direta, planejamento e coordenação dos cuidados, educação em saúde do paciente e sua família, pesquisa, gestão de recursos e qualidade e o papel administrativo. Desse modo, por mais que o cuidado seja multiprofissional, a enfermagem promove um cuidado integral e contínuo, adotando uma abordagem holística para o cuidado, considerando não apenas os aspectos físicos da saúde, mas também os aspectos emocionais, sociais e espirituais. As práticas integrativas se alinham a essa abordagem, buscando tratar o indivíduo como um todo (BACKES et al., 2012).

Visto isso, é importante ressaltar, que todo profissional da saúde especializado pode aplicar as práticas integrativas, incluindo o enfermeiro. Ademais, pode-se inferir que as Práticas Integrativas e Complementares desempenham um papel significativo como parceiras essenciais da equipe de enfermagem no tratamento de pacientes oncológicos. Essa importância deriva da variedade de tratamentos médicos alternativos disponíveis, os quais podem ser empregados para diversos propósitos, como a mitigação da dor, ansiedade e fadiga. Além disso, tais práticas demonstram a

capacidade de aprimorar o estado de humor e promover a saúde psicológica dos pacientes. Consequentemente, é crucial explorar diferentes modalidades de cuidado, assegurando uma abordagem holística e consistente para proporcionar uma assistência de qualidade (SOARES et al., 2021).

Entretanto, ainda há barreiras para que essas práticas ocorram, pois sua disponibilidade pelo SUS ainda é pouco conhecida, tanto pelos pacientes, tanto pelos profissionais. Sendo assim, há poucos trabalhadores especializados na área, e pelo desconhecimento da população, ela se torna de difícil aceitação. Ainda se nota a falta de engajamento por parte dos gestores na área da saúde, o que está diretamente ligado à carência de habilidades e à escassez de publicações científicas. Esta lacuna contribui para uma limitação de experiências, criando um ambiente propício para a formação de obstáculos que dificultam a implementação de melhorias por parte dos profissionais (ROCHA et al., 2023).

Atualmente, as Terapias Holísticas e Complementares são reafirmadas como especialidade de Enfermagem por meio da Resolução COFEN nº 581 de 2018, assegurando a segurança e o respaldo desse profissional para atuação nesse cenário, bem como para desenvolver pesquisas na área das PIC em geral (COFEN, 2018).

É evidente que as Práticas Integrativas e Complementares (PICS) fundamentam-se na perspectiva positiva em relação à saúde. Nesse sentido, a integração dessas práticas em distintos segmentos da área da saúde mostra-se crucial. Tal integração não apenas favorece a complementaridade de conhecimentos, mas também amplia significativamente a capacidade de oferecer cuidados personalizados, adaptados às necessidades concretas dos indivíduos (MILDEMBERG et al., 2023). Esse enfoque ressalta, de maneira destacada, a abordagem do enfrentamento contínuo saúde-doença.

Cabe destacar que, embora as PICs sejam vistas como uma abordagem complementar ao atendimento em saúde a partir do modelo biomédico hegemônico, considera-se haver grande potencial da sua oferta pela enfermagem, por sua tradição de pensar o cuidado de forma mais holística e integral (PEREIRA, 2022).

Dentre os profissionais de saúde, os enfermeiros são os que mantêm contato maior com os usuários dos serviços de saúde, tendo grande potencial para detectar os problemas relacionados e desenvolver ações assistenciais (ALMEIDA et al, 2018).

Assim, as práticas da enfermagem vêm sendo projetadas para reverberar o cuidado de maneira mais humanista, integral, que possam atender à complexidade



imbricada nos processos saúde-doença. Nesse sentido, a oferta das PICs segue essa dinâmica e vem, a cada ano, ganhando espaço pelos profissionais e adesão por parte dos usuários. As PICs valorizam as tecnologias leves e a humanização, como o acolhimento e a escuta, fundamentais para promover o processo de cuidado (PEREIRA, 2022).

Dessa forma, a oferta de PICs pela enfermagem pode ser considerada uma prática efetiva e inovadora na perspectiva em que privilegia as tecnologias leves, e se distanciam do cuidado hegemônico de medicalização social, da perspectiva de cuidado como consumo de produtos de saúde: consulta médica, exames e medicamentos. As PICs têm sido consideradas abordagem diferencial para a promoção de cuidado integral, longitudinal, ampliada compreensão do processo saúde-doença, com vistas ao bem-estar social e melhor qualidade de vida (PEREIRA, 2022).

Cabe destacar que as Práticas Integrativas e Complementares são importantes aliados da enfermagem no cuidado ao paciente oncológico. Isso ocorre porque vários tratamentos médicos alternativos podem ser usados para diversos fins, incluindo redução da dor, ansiedade e fadiga, além de melhorar o humor e a saúde psicológica. Portanto, é importante considerar diferentes tipos de cuidados para garantir uma assistência de qualidade, integral e consistente (SOARES et. al., 2021).

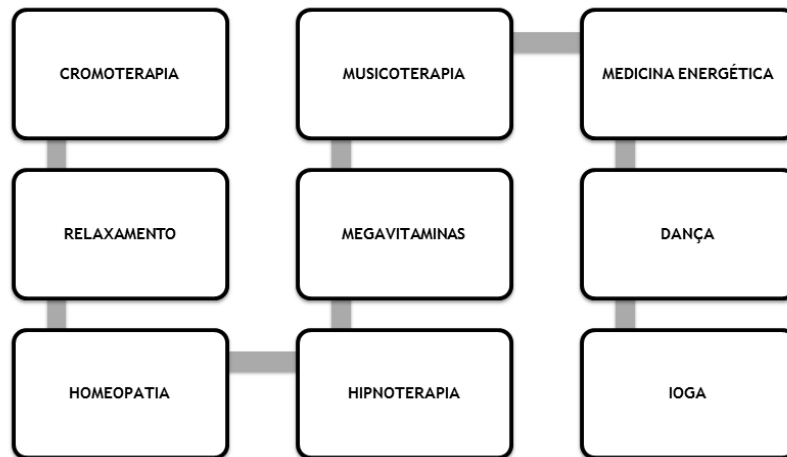
No contexto da oncologia, as PICs são utilizadas em associação com a quimioterapia e o tratamento cirúrgico e nos casos clínicos com pior prognóstico. São procuradas, assim, objetivando a cura, o fortalecimento do sistema imunológico, a minimização dos sinais e sintomas da doença, a melhoria da qualidade de vida e o incentivo para a continuidade do tratamento convencional (ALVES et al, 2015).

A implementação das PICs na prática de Enfermagem por enfermeiros qualificados, fortalece o vínculo terapêutico e, conseqüentemente, possibilita a maior adesão dos usuários aos tratamentos, uma vez que reconhecem a história da comunidade e valorizam a sua cultura. É importante que a enfermagem se empondere de diferentes formas do cuidar no intuito de oferecer um cuidado de qualidade, integral e resolutivo (ALVES et al, 2015).

Segundo Azevedo e Peliocin (2011) as terapias alternativas e complementares vem ganhando espaço no que concerne o cuidado, ou seja, um novo cenário do cuidado vem sendo desenvolvido e isso reflete num campo amplo de atuação no mercado de trabalho, principalmente relacionado ao profissional enfermeiro que está

em constante contato com o paciente e é o coadjuvante na assistência prestada ao mesmo.

**Fig 4 - Outras PICs usadas durante o tratamento oncológico, 2012.**



Fonte: ALVES et al, 2015, p 3170

As PICs são práticas, cada vez mais, presentes no cenário terapêutico, em especial, o da oncologia. Para tanto, é imprescindível o aprimoramento teórico e prático da categoria profissional (ALVES, 2015).

Todavia, os enfermeiros ainda representam uma pequena parcela dos profissionais que utilizam as PIC em sua prática. As condições do local de trabalho ainda são citadas como as principais dificuldades pelos enfermeiros.

Torna-se importante registrar que o COFEN (Conselho Federal de Enfermagem) através da **Resolução 739/24**, regulamentou a atuação da Enfermagem nas Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS). A normativa fortalece a autonomia da categoria no campo tanto nos setores público quanto privado, determinando competências e apresentando recomendações de carga horária mínima para cursos de capacitação na área.

De acordo com a referida resolução, os enfermeiros, desde que devidamente capacitados, estão aptos a atuar em todas as PICS contidas no Anexo II do documento. Todas as práticas descritas estão de acordo com a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PNPIC) (COFEN, 2024).

### 3 PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia proposta é uma revisão bibliográfica integrativa (RI), mediante o levantamento da produção científica brasileira, a qual estão relacionadas aos cuidados paliativos aos pacientes oncológicos. É importante destacar que na revisão integrativa é possível incluir estudos que têm metodologias diferentes (SOUSA, et al, 2017). Foi construída com base em artigos científicos de estudos teóricos e empíricos, captados por meio de bases eletrônicas, utilizando leituras exploratórias e seletivas.

A revisão integrativa, é a mais ampla abordagem metodológica referente às revisões, permitindo a inclusão de estudos experimentais e não experimentais para uma compreensão completa do fenômeno analisado. Combina também dados da literatura teórica e empírica, além de incorporar um vasto leque de propósitos: definição de conceitos, revisão de teorias e evidências, e análise de problemas metodológicos de um tópico particular (BOTELHO, CUNHA, MACEDO, 2011).

Para o desenvolvimento desta revisão serão percorridas 6 etapas, de acordo com Botelho, Cunha e Macedo (2011) a saber:

- 1º etapa - identificação do tema e seleção da questão de pesquisa;
- 2º etapa - estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão;
- 3º etapa - identificação dos estudos pré-selecionados e selecionados;
- 4º etapa - categorização dos estudos selecionados;
- 5º etapa - análise e interpretação dos resultados;
- 6º etapa - apresentação da revisão/síntese do conhecimento.

A pesquisa se deu nas fontes de informação LATINDEX, MEDLINE, PUBMED, LILACS, DIADORIN, BVS - Bireme e Portal de Periódicos CAPES. Elencaram-se os descritores de acordo com os Descritores em Ciências da Saúde (DeCs), realizando as buscas da seguinte maneira “terapias alternativas” AND “oncologia”, AND “Medicina integrativa”.

Os artigos selecionados no período de 2016 a 2023, que compõem a amostra dessa RI, estão apresentados no quadro 2, a seguir, contendo informações como: fonte, título, autor, objetivo, periódico, ano. Estão organizados conforme o ano de publicação.

### **Questão de pesquisa**

Sendo assim, para dar continuidade a essa construção, foram formuladas as seguintes questões condutoras: após a implementação das Práticas Integrativas e Complementares (PICS), houve aumento do interesse dos pacientes oncológicos em tratamento quimioterápico, e da equipe multidisciplinar em aliar a terapia com ao tratamento convencional? Quais as PICS têm sido mais utilizadas no tratamento oncológico?

### **Critérios de inclusão**

Foram adotados os seguintes critérios de inclusão: artigos nos idiomas português com recorte temporal de 2016 a 2023, textos completos disponíveis eletronicamente e de forma gratuita. Os artigos disponíveis em mais de uma base de dados foram incluídos apenas uma vez. Após a leitura dos resumos foi selecionado os artigos para a realização da pesquisa.

### **Critérios de exclusão**

Foram excluídos estudos documentais, carta editorial, artigos repetidos e incoerentes com a temática em questão e também os que não responderam às perguntas norteadoras e também aqueles publicados fora do período estabelecido.

### **Risco**

A pesquisa não oferece riscos por se tratar de um estudo de revisão integrativa que utiliza dados secundários.

### **Benefícios**

Os achados poderão sensibilizar a equipe de enfermagem nas práticas de saúde, especialmente o enfermeiro durante as consultas de enfermagem, direcionando intervenções eficazes e eficientes que permitam uma assistência holística e adequada ao portador de diabetes. Também fornecer subsídios para o desenvolvimento de novas investigações e evidências em saúde.

### **Questão ética**

Esta pesquisa não foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) por ser um estudo do tipo revisão integrativa. Todavia, foi garantida a ética por meio da

lealdade às informações abrangidas nos artigos de citação da fonte. As ideias dos autores foram descritas respeitando-se a forma como originalmente foram descritas, sendo citadas conforme as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), e também sob a luz da lei de número 9.610 de 1998, que consolida a legislação sobre os direitos autorais no Brasil (BRASIL, 1998).

### **Análise de dados**

Os dados dos documentos foram analisados e organizados através de leituras interpretativas complexas, proporcionando entendimento e compreensão correspondente ao problema para o qual se esperava resposta. Em seguida, a caracterização dos artigos teve suas informações dispostas em um quadro para melhor visualização e compreensão dos dados. A análise dos dados foi realizada de forma descritiva possibilitando observar, contar, descrever e classificar os dados, com o intuito de reunir o conhecimento produzido sobre o tema exposto na revisão e formar categorias de análise.

**Quadro 2 – Apresenta os artigos que compuseram a amostra deste estudo**

Artigo	Fonte	Título do Artigo	Autores	Objetivo	Periódico	Ano
A1	BVS	Práticas integrativas e complementares aplicadas ao paciente oncológico adulto	Ramos AS, Lima LL	Identificar os efeitos das PICs nas condições biopsicossociais do paciente oncológico adulto, o perfil dos usuários, as PICs mais estudadas e sua aplicação em pacientes oncológicos.	Fisioter Bras.	2023
A2	LILACS	Cuidado ao Paciente Oncológico na Perspectiva da Oncologia Integrativa	Santos, William Messias Silva; Santos, Jaqueline Silva; Machado, Gilmar Antônio Batista; Maia, Maria Ambrosina Cardoso; Andrade, Raquel Dully.	Verificar o conhecimento científico produzido sobre a oncologia integrativa na atenção hospitalar.	Revista Brasileira de Cancerologia	2023
A3	LILACS	Práticas integrativas e complementares em saúde no cuidado paliativo: revisão integrativa	Silva, L. N. da, Rangel Soares, J. H., Boaretto, J. P., Okamura, C. T., & Martins, E. A. P.	Avaliar as evidências científicas disponíveis referentes a utilização das práticas integrativas e complementares em saúde dentro do cuidado paliativo.	Peer Review	2023
A4	Latindex	A aplicabilidade das PICS na assistência de enfermagem em pacientes com doença crônica: revisão integrativa	Silva, L. M., & Belfort, M. G. S.	Descrever a atuação da enfermagem através de Planos de ações por intermédio das PICs em indivíduos com diminuição da qualidade de vida em razão do desenvolvimento de doenças crônicas degenerativas.	Ciências Da Saúde Da UNIPA	2023
A5	Latindex	Aplicação do Reiki em pacientes oncológicos	Pacheco, DB; Leal, PLCG; Nogueira, VG; Guedes, A A; Chang, BF; Silva, M E S; Gutschov, C; Estevão, A.	Analisar as indicações e os efeitos do reiki em pacientes oncológicos	Rev Brasileira de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde	2022
A6	Latindex	Atuação do enfermeiro nos cuidados paliativos ao paciente oncológico: uma revisão integrativa	Guimarães, Evadjane Barbosa Tavares et al.	Descrever a importância da atuação do enfermeiro no cuidado paliativo frente ao paciente oncológico.	Revista Eletrônica Acervo Saúde	2022

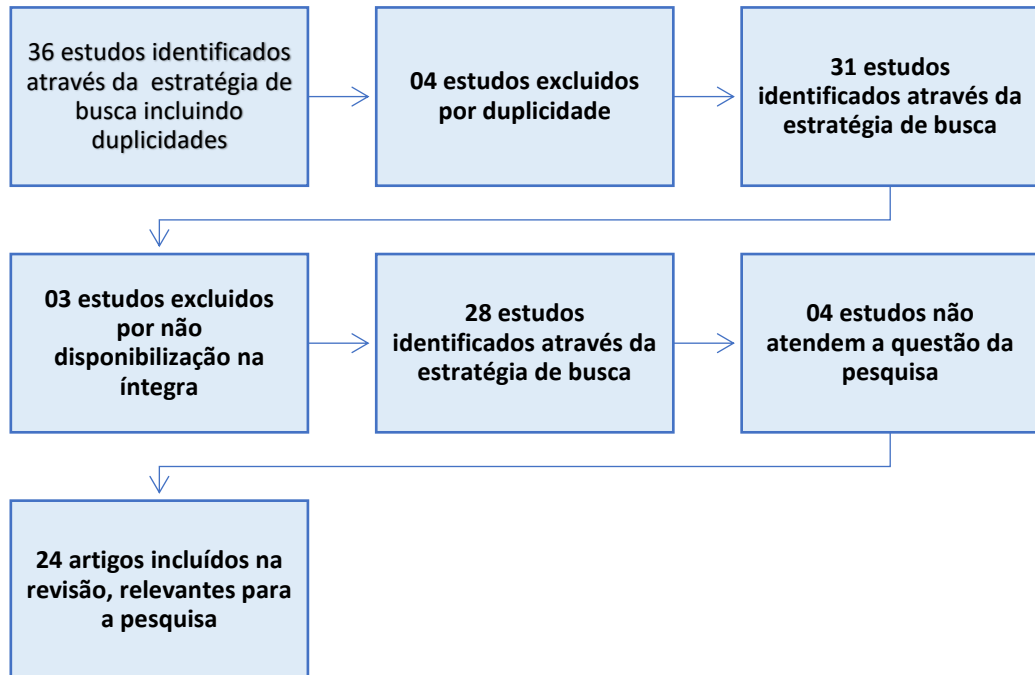
Artigo	Fonte	Título do Artigo	Autores	Objetivo	Periódico	Ano
A7	LILACS	Relaxamento Guiado como Prática Integrativa para Mulheres Submetidas à Radioterapia	Siqueira LR, Therrier S, Agostinho KM, Souza Júnior EV, Resck ZMR, Sawada NO	Avaliar o efeito da prática integrativa e complementar de relaxamento com visualização guiada na melhora da qualidade de vida relacionada à saúde de mulheres com câncer de mama submetidas à radioterapia.	Revista Brasileira de Cancerologia	2022
A8	LILACS	Relevância do conhecimento da enfermagem acerca das práticas integrativas e complementares no cuidado paliativo: revisão integrativa	Cenzi, Anna Luiza Camargo; Ogradowski, Karin Rosa Persegona	Descrever as evidências científicas disponíveis na literatura sobre a relevância clínica do conhecimento da enfermagem frente à adoção de práticas integrativas e complementares no cuidado ao paciente em abordagem paliativa de cuidados.	Espac. Saúde.	2022
A9	Latindex	Cuidados paliativos em oncologia: percepção e atuação da equipe de enfermagem	Bertochi, Gabriela et al	Verificar na literatura qual a percepção dos profissionais de enfermagem sobre a importância dos cuidados paliativos no âmbito oncológico.	Research, Society and Development,	2022
A10	Latindex	Profissionais de enfermagem e o cuidar na assistência ao paciente oncológico: prática, atitudes e conhecimentos a realização da humanização da assistência	Amorim, Layna Pereira de et al.	Analisar a percepção dos profissionais de enfermagem perante a assistência a pacientes oncológicos.	Research, Society and Development,	2022
A11	Latindex	O uso de práticas integrativas e complementares na enfermagem oncológica: revisão integrativa	Soares, T. B. .; Lima, F. C. De .; Moia, G. W. .; Botelho, M. De N. G.; Oliveira, R. F. De .; Souto, M. M. C.; Rezende, A. F. T. .; Mendes, C. P. .; Ueno, T. M. R. L.; Aguiar, V. F. F. De.	Analisar as evidências da literatura científica acerca das práticas integrativas e complementares ao manejo do paciente oncológico.	Revista de Casos e Consultoria	2021
A12	Latindex	Uso das práticas integrativas e complementares pela enfermagem em pessoas com câncer: revisão integrativa	Ferreira, P. M., Souza, T. C. de, Freitas, P. S., Bressan, V. R., Silva, L. J. de A., & Terra, F. de S.	Analisar, na literatura nacional e internacional, o uso das Práticas Integrativas e Complementares pela enfermagem em pessoas com câncer	Brazilian Journal of Health Review	2021

Artigo	Fonte	Título do Artigo	Autores	Objetivo	Periódico	Ano
A13	LILACS	Práticas integrativas e complementares no tratamento do câncer sob a perspectiva da enfermeira: revisão integrativa	Souza, Neury Ely Justiniano de; Stamm, Bruna	Avaliar as evidências disponíveis na literatura acerca do uso das terapias complementares por enfermeiras para o tratamento do câncer.	Revista Espaço Ciência & Saúde	2021
A14	Latindex	O Reiki como suporte aos cuidados de enfermagem para o sofrimento emocional do paciente oncológico	Castro, Larissa das Neves et al.	Analisar e descrever a efetividade do reiki como mecanismo de alívio ao sofrimento do assistenciado oncológico.	Research, Society and Development,	2021
A15	Latindex	Assistência de Enfermagem ao Paciente Oncológico em Cuidado Paliativo	Sousa, Dionathan Almeida de et al.	Analisar a assistência prestada pela equipe de enfermagem ao indivíduo em cuidado paliativo na oncologia.	Revista de Casos e Consultoria	2021
A16	Latindex	A importância do enfermeiro nas práticas integrativas e complementares no sistema único de saúde	Freitas, J.R.; José da Silva, A.; Alves da Silva, J.A.; Ramos, J.R.B.; Vasconcelos Silva, F.M.;	Desvelar a importância do enfermeiro nas práticas integrativas e complementares no Sistema Único de Saúde	Rev Saúde coletiva	2021
A17	LILACS	Benefícios no tratamento do câncer atrelado ao uso das práticas integrativas e complementares: revisão da literatura.	Menin, Sheila Patrícia, Orso, Zuleica Alessio	investigar quais as PICS utilizadas por pacientes oncológicos e quais as finalidades	Perspectiva: Ciência e Saúde	2020
A18	LILACS	Desafios da Assistenciais de Enfermagem em Cuidados Paliativos.	COUTO, D. S.; RODRIGUES, K. S. L. F.	Levantar os desafios que a enfermagem encontra para desempenhar a assistência aos pacientes em Cuidados Paliativos, a partir da produção científica disseminada em periódicos on-line	Revista Enfermagem e Foco.	2020
A19	Scielo	Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares: trajetória e desafios em 30 anos do SUS.	Silva, Gisléa Kândida Ferreira da et al.	Destina-se à análise da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS, em seus aspectos históricos, políticos e institucionais.	Physis: Revista de Saúde Coletiva	2020

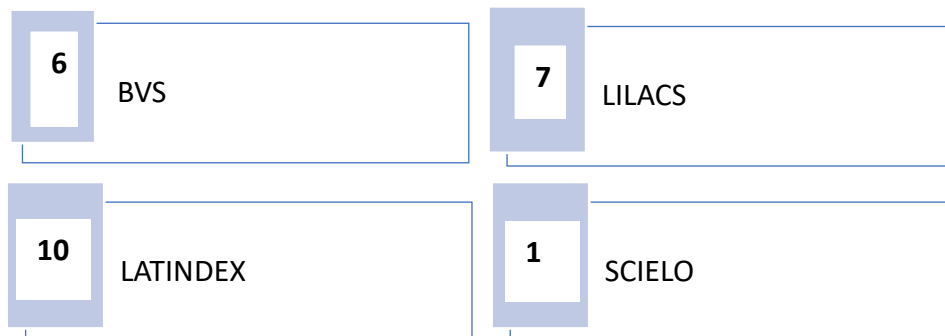


Artigo	Fonte	Título do Artigo	Autores	Objetivo	Periódico	Ano
A20	BVS - PubMed	Strategies of complementary and integrative therapies in cancerrelated pain-attaining exhaustive cancer pain management.	Maindet, Caroline et al.	Apresentar as opções de PICs que poderiam ser utilizadas no manejo dinâmico, multidisciplinar e personalizado, levando a uma abordagem oncológica integrativa.	Support Care Cancer,	2019
A21	BVS - PubMed	Prevalência de práticas integrativas e complementares em pacientes submetidos à quimioterapia antineoplásica	Gurgel IO, Sá PM de, Reis PED dos, Cherchiglia ML, Reis IF, Mattia AL de, Simino GPR	Analisar a prevalência das práticas integrativas e complementares em pacientes que realizam quimioterapia antineoplásica.	Cogitare enferm.	2019
A22	BVS - PubMed	Benefícios das práticas integrativas e complementares no cuidado de enfermagem	Mendes DS, Moraes FS, Lima GO, Silva PR, Cunha TA, Crossetti MGO, et al.	Caracterizar os benefícios das práticas integrativas e complementares no cuidado de enfermagem.	Journal Health NPEPS	2019
A23	BVS - PubMed	Oncologia integrativa: das práticas complementares aos seus resultados	Goldstein, Carolina Folgierini; Stefani, Natasha de Astrogildo; Zabka, Cristina Furlan	Construir um panorama do que se sabe de mais recente sobre práticas complementares e seus resultados no manejo dos pacientes em tratamento de câncer	Acta Medica	2018
A24	BVS - PubMed	Estratégias de enfrentamento utilizadas pelos enfermeiros em cuidados paliativos oncológicos: revisão integrativa	Santos, Naira Agostini Rodrigues dos et al	Caracterizar as estratégias de enfrentamento utilizadas por enfermeiros que atuam na assistência a pacientes com câncer em cuidados paliativos.	Cogitare Enferm	2016

**Fig 5 –** Processo de seleção dos artigos que compuseram a amostra deste estudo



**Fig 6 -** Panorama quantitativo dos artigos encontrados nas bases de dados pesquisadas



Após análise qualitativa dos artigos foi realizada uma leitura cuidadosa dos conteúdos. Posteriormente, os trabalhos foram comparados e agrupados, por similaridade de conteúdo, sob a forma de categorias empíricas, sendo constituídas duas categorias para a análise, especificadas como:

- Práticas Integrativas e Complementares utilizadas por profissionais de saúde no cuidado dos indivíduos em tratamento oncológico.
- Práticas Integrativas e Complementares utilizadas por enfermeiros como possibilidade no tratamento em oncologia.

## **4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

A oncologia avançou no mundo melhorando a sobrevivência do paciente, ou seja, conseguindo com que sobreviva à doença, não apenas com a quimioterapia, mas também transplante e outras técnicas. O que não melhorou foi a qualidade de vida durante o tratamento e as sequelas. O paciente oncológico sofre muito com o tratamento alopático. É nessa lacuna que as PICs podem contribuir.

As PICs contemplam racionalidades médicas e recursos terapêuticos de abordagens com diferentes concepções de saúde-doença, que por meios naturais, buscam a prevenção de agravos e a promoção e recuperação da saúde caracterizam-se por linguagens singulares e a interdisciplinaridade.

### **4.1 Práticas Integrativas e Complementares utilizadas por profissionais de saúde no cuidado dos indivíduos em tratamento oncológico**

Dentre os novos tratamentos, emergem as Práticas Integrativas e Complementares (PICs), que constituem um grupo com diferentes conhecimentos e produtos que não fazem parte da medicina convencional, objetivando evitar o modelo biomédico de medicalização (RAMOS & LIMA, 2023).

As PICs constituem-se como apoio à terapêutica convencional e incluem uma variedade de conhecimentos e técnicas, que podem ser acessadas de acordo com indicações de profissionais (GURGEL et al, 2019).

Atualmente, o Sistema Único de Saúde (SUS) oferece, de forma integral e gratuita, 29 procedimentos de Práticas Integrativas e Complementares (PICs) à população. Os atendimentos começam na Atenção Básica, principal porta de entrada para o SUS. A equipe geralmente é composta por médico, enfermeiro, psicólogo e assistente social (BRASIL, 2018<sup>b</sup>).

Nesse cenário, a equipe multiprofissional tem papel essencial no alívio dos sintomas, na melhora da qualidade de vida e no conforto ao paciente e sua família. O trabalho em equipe proporciona melhorias diretas e indiretas a todos os envolvidos no processo, como diminuição do tempo de internação, melhora do tempo de recuperação e adesão ao tratamento (FERNANDES & FARIA, 2021).

Essas equipes multiprofissionais possuem, em sua essência, o compartilhamento de saberes multidisciplinares, sendo suas ações pautadas na oferta do cuidado próximo da vida das pessoas, em seu contexto familiar e social, de forma que, apresentam-se como locus privilegiado para a oferta das PICs, as quais contribuem para o aumento da resolubilidade do sistema, garantindo um cuidado continuado, humanizado e integral (SANTOS; TESSER, 2012).

O número de pacientes que procuram por PICs durante o tratamento oncológico parece estar tendo um crescimento, a fim de minimizar quaisquer alterações que venham a surgir, seja física ou mental. Isso ocorre por haver procedimentos invasivos e de custo elevado, além de ser passível de erros médicos. A utilização das PICs proporciona ao paciente oncológico sensação de bem-estar e saúde, além de possibilitar o livre arbítrio de escolher e se adaptar a crença e religiosidade, gerando concepções de cuidado e autocuidado, de modo a transformar o processo saúde-doença, tratamento e a cura (MAINDET et al., 2019).

Com o intuito de melhorar a qualidade de vida e atender as necessidades de cada paciente, a equipe de enfermagem, bem como a equipe multidisciplinar, têm a possibilidade de oferecer um tratamento baseado nos cuidados paliativos (BERTOCHI, 2022).

A prática de cuidados paliativos consiste em uma abordagem que tem como objetivo promover a qualidade de vida dos pacientes e seus familiares, que enfrentam problemas associados às doenças com risco de vida, por meio de prevenção e alívio do sofrimento e dos sintomas (BERTOCHI, 2022).

O câncer visa ser uma doença de alto índice de mortalidade, com isso, as PICs juntamente com o tratamento convencional têm o propósito de acalantar o tratamento, sendo de grande ajuda para encarar a doença, trazendo uma possível melhora na qualidade de vida e até mesmo nos sintomas relacionados (CHAGAS et al., 2020).

Quando tratamos de uma doença cancerígena tem-se a compreensão de que ela impacta na vida não só do paciente acometido, mas também na vida de seus familiares e da equipe profissional. Assim, a assistência requer práticas técnicas-científicas dos profissionais de saúde, inclusive enfermeiros, para um cuidado direcionado e mais preparado para esses pacientes (SOUZA et al., 2016).

Cuidar de um paciente oncológico traz significados diversos para a equipe de saúde como as crenças e atitudes que demandam intervenções apropriadas e individualizadas, para minimizar a ameaça à sua integridade física e psíquica, o que

leva o enfermeiro e sua equipe a tornar-se confrontados com suas vulnerabilidades (SILVA & CRUZ, 2020).

No contexto da oncologia, as PICs são utilizadas em associação com a quimioterapia e o tratamento cirúrgico e nos casos clínicos com pior prognóstico. São procuradas, objetivando a cura, o fortalecimento do sistema imunológico, a minimização dos sinais e sintomas da doença, a melhoria da qualidade de vida e o incentivo para a continuidade do tratamento convencional (ANDRADE et al, 2015).

Fica claro que, a qualidade de vida é um dos benefícios mais procurados por aqueles que utilizam as PICs, pois reflete em todos os outros benefícios.

Nesse sentido, Mendes et al (2019) revelam que, as PICs visam aumentar a qualidade de vida do paciente, através de práticas que estimulem o bem-estar físico e mental, assim como redução de danos de agravos, promovendo um melhor ambiente de tratamento.

É importante assinalar que os efeitos causados pelo tratamento do câncer, incluem: sofrimento, desgaste físico e psicológico, ansiedade, medo, comprometimento dos relacionamentos sociais, autoestima e declínio da qualidade de vida. Entre os benefícios das PICs, o acolhimento, integralidade do cuidado, minimização dos efeitos colaterais provocados pelo tratamento convencional, resultam em melhora da qualidade de vida, assim como numa assistência integralizada e humanizada no percurso do tratamento do câncer (MENDES et al, 2019).

Nesse contexto, os profissionais que exercem esse modelo de cuidado ofertam alternativas diferentes de promoção da saúde e renovam o entendimento atual sobre a medicalização e aos procedimentos invasivos (TELESI JÚNIOR, 2016).

A equipe de enfermagem, por despender uma carga horária de trabalho considerável junto ao paciente e seus familiares é peça fundamental para identificar necessidades e sugerir a utilização das PICs na rotina do cuidado ao usuário convivendo com o câncer, contribuindo inclusive para o fortalecimento do vínculo entre a díade enfermeiro-usuário (CAIRES et al., 2014).

Desse modo, a instauração de cuidados paliativos surge como uma potencialidade na promoção e melhora da qualidade de vida, ofertando suporte e conforto aos pacientes e seus entes queridos.

Cumpra observar que, a adoção de cuidados integrais ao longo do percurso da doença, deve contemplar todas as esferas do indivíduo (corpo físico, mente e espírito), trazendo a finitude como um processo natural (CENZI et al, 2022).

De acordo com o proposto por Cenzi et al, (2022, p.9),

a medicina complementar, utilizando-se a associação das que ao tratamento médico de forma complementar e integrada, é possível oferecer uma gama de práticas diferenciadas e naturais, que atuam na promoção do bem-estar, melhora da qualidade de vida, redução da dor e outros sintomas angustiantes como a ansiedade e estresse, aumento da imunidade, redução de efeitos colaterais associados à quimioterapia, dentre outros benefícios que vão desde o tratamento até a prevenção, promoção e recuperação da saúde, visando sempre dar suporte e conforto individualizado em todos os momentos

Torna-se importante conhecer as vantagens de utilizar PICs no câncer, com a finalidade de intervir de maneira correta quanto ao uso, com o objetivo de ofertar melhor qualidade de vida, e menos efeitos adversos causados pelo câncer (SOUZA & STAMM, 2021).

Entre as práticas citadas mais comuns e recomendadas no tratamento oncológico, estão as de meditação, yoga, musicoterapia, antroposofia, além das indicações fitoterápicas e as terapias externas, que incluem a aplicação de óleos e massagens para a dor. Através delas, é possível observar resultados positivos, como o aumento da sensação de bem-estar, a redução de sentimentos negativos e de efeitos colaterais causados pelas medicações (GOLDSTEIN, et al, 2018).

Dentre os estudos selecionados em nossa amostra, destacaram-se o uso das seguintes PICs pelos profissionais de saúde: fitoterapia, aromaterapia, Reiki, acupuntura, musicoterapia e relaxamento, utilizadas concomitantemente com as terapias convencionais. Conforme Dacal & Silva (2018) os benefícios dessas intervenções são:

- Acupuntura: minimiza problemas emocionais e físicos.
- Aromaterapia: atua nos sistemas físico, emocional e mental harmonizando.
- Fitoterapia: atua no fortalecimento do sistema imunológico, redução da oxidação, combate aos processos inflamatórios e regulação de hormônios
- musicoterapia: prevenção de problemas na saúde mental e obtenção de qualidade de vida e bem-estar.

- Reiki: promove equilíbrio, bem-estar e relaxamento com redução do estresse, das dores crônicas, dos distúrbios do sono e potencialização da energia vital.
- Relaxamento: atua na diminuição de estresse, ansiedade, angústia e medo.

Vale ressaltar, mais uma vez, que as PICs não substituem o tratamento tradicional. Elas são um adicional, um complemento no tratamento e indicadas por profissionais específicos conforme as necessidades de cada caso. A população ganha com isso o acesso a técnicas e tratamentos as quais, por falta de recursos ou até mesmo por falta de conhecimento de sua existência, não teria acesso facilitado (SOUSA et al, 2021).

O planejamento da prática assistencial deve valorizar a integralidade do paciente, considerando os aspectos físicos, psicológicos e sociais, de modo a envolver a vida das pessoas, suas histórias, suas vivências, seus anseios e suas expectativas e manter a maior integridade de sua qualidade de vida (SOUSA et al, 2021).

Nesse contexto, o cuidado deve ser, acima de tudo, ético e humanizado, com respeito, seguindo ao máximo os princípios e mantendo dignidade para preservação do paciente e da família.

A enfermagem, assim como demais profissionais que compõem a equipe de saúde precisam visualizar as práticas integrativas e complementares como um modelo de cuidado a ser ensinado e praticado no ambiente do cuidado, valorizando as intervenções biomédicas e farmacológicas que em sua maioria são agressivas e podem ter muitos efeitos colaterais (MENDES et al 2019).

#### **4.2 Práticas Integrativas e Complementares utilizadas por enfermeiros como possibilidade no tratamento alternativo em oncologia**

Segundo Azevedo et al. (2019), o enfermeiro é considerado o pioneiro das PICs, pois é o profissional capaz de identificar problemas em razão do vínculo criado no atendimento, e baseado nessa realidade desenvolver planos de ações, na qual a técnica pode ser utilizada.

Tendo em vista que, o enfermeiro deve participar das vivências do paciente, esses profissionais acabam ganhando a confiança de todos e construindo importante laço na promoção das interações, buscando estratégias que possibilitem os cuidados adequados tanto à pessoa doente como aos seus familiares (ROSA et al., 2020; AMORIM et al 2022).

As práticas integrativas e complementares surgem como um diferencial para o profissional enfermeiro principalmente no Brasil por ser pioneira, e ter um grande benefício em vista de ser um método não farmacológico, evitando possíveis efeitos colaterais (CENZI et al, 2022).

Outra facilidade para o uso das PICs, encontrada em artigos incluídos nesta análise, é que elas são bastante requisitadas pelas pessoas por dispensar a utilização de equipamentos para sua aplicação. Além de utilizar técnicas simples, não invasivas, as quais podem ser incluídas nos cuidados rotineiros dos profissionais de saúde (SOARES et al, 2021).

Entretanto, muitos profissionais não se sentem capacitados para prestar a assistência por não terem conhecimentos específicos acerca do câncer. No entanto, como revelam Silva & Conceição (2020, p. 84),

A atuação da enfermagem aos pacientes em cuidados paliativos, precisa ser realizada de forma integral e humanizada, para proporcionar o cuidar e exercer o cuidado com o paciente, pois a área oncológica vai além do tratamento da doença, ela requer a assistência especializada ao conforto do paciente, alívio das dores e exsudatos, assim como das necessidades psicossociais, que podem estar relacionadas a doença, a família e a religiosidade.

Fica claro que a qualificação do profissional de saúde é fundamental no processo de implementação das PICS na assistência oncológica, tornando-se importante a compreensão dos saberes em busca de um cuidado efetivo e promotor de qualidade de vida (SANTOS et al, 2023). Nesse sentido, a comunicação entre o profissional de saúde e o paciente oncológico deve ser permeada por escuta ativa e abertura para a abordagem de diferentes aspectos do cuidado (SILVA et al, 2023<sup>a</sup>).

A comunicação exercida pelo enfermeiro durante o processo de cuidados paliativos, traz benefícios aos pacientes e seus familiares no que diz respeito às alterações físicas e psicológicas, orientando sobre a saúde e bem-estar e proporcionando aos pacientes maior facilidade em controlar sintomas e informar



necessidades emocionais, aumentando desse modo, a qualidade de vida (BERTOCHI, 2022).

O paciente em cuidados paliativos deseja ser compreendido como um ser humano que sofre porque, além da dor física, possui conflitos existenciais e necessidades que os fármacos ou os aparelhos de alta tecnologia não podem suprir.

Diante disso, Pacheco et al (2020) revelam que, apesar da comunicação ser um instrumento básico, é uma ferramenta que possui diversos desafios e deve ser praticada de forma a proporcionar uma assistência de qualidade, visando amenizar sentimentos ruins decorrente de suas condições clínicas de saúde, assim, podem ser criados elos através da comunicação e conseqüentemente buscando minimizar sofrimentos.

Soares et al (2021) apontam estudos nos quais os enfermeiros utilizaram PICs como:

- **acupuntura** em usuário que convivem com doenças neoplásicas têm efeitos positivos no manejo dos sintomas que a doença pode ocasionar, como a diminuição do uso de medicamentos para controle da dor, náuseas e vômitos, diarreia, constipação e ansiedade;
- **musicoterapia** como uma modalidade de tratamento realizada pelo enfermeiro, que pode ser um forte aliado para auxiliar no sofrimento psíquico e manejo da dor, método de alívio, que diminui os níveis de estresse e propicia a calma para os pacientes;
- **escuta terapêutica**, as **técnicas de relaxamento e meditação** corroboram com a autorregulação do organismo humano e têm enorme capacidade para provocar o sentimento de bem estar, inclusive o controle da ansiedade;
- **massagem** cujo uso alcançou resultados positivos na redução da ansiedade e dos sintomas depressivos.

As PICs propiciam um aumento na efetividade do tratamento, incentivando as pessoas a darem sua continuidade e contribuindo para a melhora da qualidade de vida. Associadas ao tratamento convencional possibilitam uma forma de cuidar do ser humano doente e não simplesmente da doença além de proporcionar aos familiares um momento de reequilibrar as energias e aos profissionais o cuidado a saúde física e mental, especialmente do estresse advindos das longas jornadas em contato com o sofrimento humano (SILVA et al, 2023<sup>b</sup>).

Em seus estudos Ferreira et al (2021) constataram o uso das seguintes PICS pelos enfermeiros, além das já citadas anteriormente:

- **aromaterapia** que possui um papel significativo no alívio do estresse, pois proporciona bem-estar, sendo promissor na redução dos sintomas depressivos;
- **acupressão** atua na redução dos efeitos colaterais;
- **Reiki** age nos aspectos psicológico e emocional, contribuindo para a mudança de hábitos, muitas vezes deletérios à saúde;
- **Toque terapêutico** utiliza o poder do toque para promover a cura física, emocional e espiritual aliviar dores, reduzir o estresse, promover relaxamento e melhorar a qualidade do sono.
- **Yoga** tendo como benefícios a redução do estresse, o equilíbrio do sono, o fortalecimento do sistema imunológico, o aumento da capacidade de concentração e de criatividade e a promoção da reeducação mental com consequente melhoria dos quadros de humor.

Para isso, o enfermeiro dispõe de ferramentas de trabalho diferenciadas como o Processo de Enfermagem (PE), através do qual o profissional irá identificar não só a doença em si, mas as possíveis alterações emocionais do paciente. A partir disso, deverá aplicar a intervenção de enfermagem de acordo com a avaliação clínica e as necessidades observadas (BEULKE, et al., 2019).

De acordo com Araújo et al., (2020, p. 6),

Para estabelecer uma intervenção clínica e terapêutica é indispensável a utilização da Sistematização da Assistência de Enfermagem, pois é através de sua aplicação que é possível identificar queixas e planejar as condutas baseadas em evidências científicas, respeitando a dignidade humana e agregando os aspectos biopsicossociais do paciente e de sua família.

Salienta-se a necessidade de tratamentos complementares para o paciente oncológico, principalmente de baixo custo como alternativa assertiva para auxílio do tratamento médico padrão, dinamizando a assistência, reestabelecendo padrões energéticos e suprimindo carências emocionais, por intermédio do potencial relaxante da terapia (CASTRO et al, 2021).

Entre as PICs mais destacadas mencionadas nos artigos da amostra da pesquisa está a **Yoga** que melhora significativamente o estresse, fadiga, ansiedade,

insônia, depressão e o condicionamento físico, é uma prática muito antiga que inclui trabalhar movimentos e posições, meditação e exercícios de respiração (GOLDSTEIN CF, 2018). Alguns estudos demonstraram que a yoga apresentou benefícios em pacientes mulheres com câncer, proporcionando uma melhoria na qualidade de sono, associando assim uma boa qualidade de vida (MUTZ, 2022).

Também é citada com frequência uma prática terapêutica muito antiga e eficaz, a **acupuntura**, que é definida como a inserção de agulhas finas e pequenas em pontos específicos do corpo, para tratar ou prevenir sintomas. Muito utilizada do tratamento do câncer por aumentar a resistência do corpo, eliminar patógenos e regular emoções. Esse recurso trouxe benefícios como diminuição de fogachos, fadiga, entre outros sintomas (GOLDSTEIN, 2018).

A **massagem**, também constante nos relatos, é muito utilizada para relaxar e melhorar a circulação das regiões do corpo, assim tal prática vem sendo adaptada ao contexto oncológico, onde a técnica de massagem para o paciente com câncer deve ser aplicada com cautela e analisando o histórico do tratamento, medicações em uso, exames laboratoriais, doenças metastáticas e entre outras. Estudos assinalam que a massagem oncológica é muito eficaz na redução da ansiedade, diminui náuseas e dor, além de melhorar o humor. Os resultados do seu uso apontaram que as pressões nos terminais nervosos favoreceram o estímulo do sistema nervoso com melhora da circulação sanguínea (GOLDSTEIN, 2018).

Mais um recurso apontado é a **musicoterapia** é uma intervenção que permite o alívio de manifestações ocasionadas pela ansiedade e os efeitos secundários do tratamento oncológico, reduzindo ainda a necessidade de drogas anestésicas, analgésicas, diminuindo assim o tempo de recuperação e de internação. Ela promoveu efeitos positivos na melhora da ansiedade e humor dos pacientes oncológicos. Pode também auxiliar nos parâmetros vitais, náusea, vômito e na diminuição da dor, proporcionando o conforto para o paciente (SOUZA, et al., 2019).

Cabe ressaltar que a enfermagem é parte importante desse processo, pois promove uma sistematização dos atendimentos para que sejam diretos e contínuos, buscando sempre a flexibilidade de relações interativas proporcionando uma sobrevivência de qualidade a este paciente e sua família, trabalhando com a prevenção de complicações e possivelmente reduzindo o sofrimento quando se consegue realizar esses cuidados (GUIMARÃES et al, 2022).

O enfermeiro deve estar atento às necessidades do seu paciente, sendo que esta atenção não deve ser voltada apenas para os aspectos físicos, mas também para as questões de ordem psicológica, emocional e espiritual. É imprescindível que, sejam interpretadas de forma correta todas as queixas, sejam elas verbais ou não verbais (COUTO & RODRIGUES, 2020).

Entende-se que para desfrutar desse espaço são necessários o envolvimento e o preparo adequado para exercer essa área de cuidados da melhor maneira possível permitindo ao profissional planejar e executar a enfermagem humanitária de forma segura, eficaz e individual voltada ao tratamento das queixas dos pacientes (MENIN & ORSO, 2020).

Dentre os principais benefícios terapêuticos com o uso das PICS podemos citar: maior relaxamento e bem-estar; melhora da qualidade do sono, ansiedade e quadros depressivos; redução e alívio da dor; diminuição de sinais e sintomas de diversas doenças; fortalecimento do sistema imunológico; estimula o contato profissional-interagente; redução do uso de medicamentos; diminuição de reações adversas à medicação e melhoria da qualidade de vida.

Nos artigos analisados pode-se observar que após o uso das PICs, a maioria dos pacientes declararam sentir-se melhor, pois as PICs desencadearam reações para amenizar os efeitos colaterais, como também trouxeram para suas vidas novas esperanças, motivações, sentimentos de bem-estar e confiança. Trata-se de um modelo de terapia alternativa que necessita da fé para ser eficaz, independente de religião ou credo, mas com a finalidade de tratar mente e corpo (MENIN & ORSO, 2020).

É oportuno lembrar que as PICs valorizam a escuta acolhedora, o desenvolvimento de vínculo terapêutico, visão ampliada do ser humano estimulando o autocuidado, favorecendo uma atenção integral à saúde (CARVALHO & NÓBREGA, 2017).

Nesse sentido, faz-se necessário protagonismo e empoderamento da enfermagem em relação à utilização das PICs em suas práticas assistenciais, porém, para isto, é necessária a profissionalização e o conhecimento acerca das PICs em seu contexto de trabalho, promovendo assim autonomia dos pacientes e redução dos custos do SUS (MENDES et al, 2019).

Durante o presente estudo, foi possível perceber que o profissional enfermeiro é fundamental nesse processo, pois, através de uma boa comunicação com seu

paciente e familiares, com um diálogo aberto e flexível, promove a diminuição da ansiedade e das incertezas dos familiares do paciente. As Terapias Complementares, acompanhadas pelas terapias convencionais, como a radioterapia e quimioterapia, promovem um resultado satisfatório para o paciente, estimulando a efetividade reduzindo os sintomas que são provocados pela doença.

Enfim a utilização das práticas integrativas e complementares veio trazendo um novo olhar ao que tange a prevenção de doenças, reabilitação e um bem-estar em saúde (FERNANDES et al., 2017).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Práticas Integrativas e Complementares são importantes (PICs) aliadas da enfermagem no cuidado do usuário convivendo com doença neoplásica. As diversas modalidades medicinais alternativas podem ser utilizadas para diferentes finalidades, como para o manejo da dor, ansiedade, cansaço, melhora do humor e do emocional. É importante que a enfermagem se empondere de diferentes formas do cuidar no intuito de oferecer um cuidado de qualidade, integral e resolutivo.

É notório que o emprego das terapias integrativas e complementares em saúde, baseando-se na visão ampliada do processo saúde-doença, pode ser uma potencialidade no cuidado paliativo, principalmente por preencher as lacunas deixadas pelo modelo biomédico.

Dentre as PICs mais usadas pelos profissionais de saúde, de modo geral, foram destacadas: fitoterapia, aromaterapia, Reiki, acupuntura, musicoterapia e relaxamento, utilizadas concomitantemente com as terapias convencionais

A enfermagem, dentre as profissões da saúde, é tida como a principal profissão atuante na implementação das técnicas, tanto na rede privada, quanto no que diz respeito aos serviços públicos, tendo em vista o forte vínculo criado com o paciente durante sua assistência, entretanto, são perceptíveis lacunas no que diz respeito ao conhecimento da PICs e qualificação profissional.

Não há dúvida de que é necessário conhecimento suficiente para o exercício de qualquer cuidado de enfermagem e isto é inerente ao profissional que deve se aprimorar constantemente. Sabe-se que a formação dos profissionais de saúde no Brasil é embasada por um modelo de atenção focado na resolução de problemas de saúde baseando-se exclusivamente na lógica biomédica. Esse cenário contribui para que muitos profissionais não reconheçam as PICs como algo comum à rotina de trabalho, pois estão geralmente acostumados com as práticas curativas, centradas na medicalização.

Nesse contexto, é imprescindível que a formação dos profissionais para aplicação e fomento das PICs deve receber especial atenção, pois, mesmo que não se trate de procedimentos invasivos ou de alto risco, devem ser administrados com responsabilidade, compreendendo as potencialidades e os limites oferecidos por essas terapias, que precisam ser incluídas nos serviços com o devido planejamento e

objetivos claros, de forma a evitar a banalização ou o mau uso desses tratamentos, os quais são tão sérios quanto os demais.

Para atender a essas necessidades os enfermeiros, dos artigos selecionados, apontaram a aromaterapia, acupuntura, Reiki, toque terapêutico, Yoga, massagem e musicoterapia como terapias que trouxeram benefícios para os pacientes.

Desse modo, destaca-se a importância do profissional enfermeiro em especializar-se para passar informações de forma clara, objetiva e com embasamento científico a fim de alcançar o melhor tratamento para cada pessoa.

Conclui-se, com base nos resultados dos artigos publicados entre 2016 a 2023, que as PICs não devem ser vistas como uma estratégia para reparar ou substituir os elementos do sistema que não funcionam de maneira satisfatória, visto que elas próprias possuem diversas limitações. Essas práticas se apresentam como complemento a uma assistência em saúde podem vir a contribuir para complemento e melhoramento de uma assistência já efetiva, oferecendo estratégias de autocuidado, promoção de saúde e qualidade de vida.

O crescimento da oferta e da demanda por essas práticas, tanto em âmbito privado quanto público, tem demonstrado o potencial das PICs no cuidado à população e para a saúde pública. No entanto, apesar de se constituírem práticas em expansão, as PICs ainda encontram muitos entraves para se efetivarem como um serviço permanente e contínuo no setor público e privado. Seguem ainda com grandes desafios, como a ampliação do acesso e da oferta a essas práticas.

Diante desse contexto, pode-se afirmar que o uso das PICs não ocorre como prática institucionalizada. As práticas desenvolvidas são geralmente realizadas em momentos pontuais, de forma autônoma por alguns profissionais de saúde.

Apesar das diversas publicações do Ministério da Saúde para o crescimento e a expansão das PICs, isto não é suficiente para o desenvolvimento e fortalecimento da política e sua institucionalização de modo a contribuir para a oferta de cuidado mais amplo e para efetivação do princípio da integralidade preconizado pelo SUS.

## 6 REFERÊNCIAS

AGUIAR J, et al. Práticas Integrativas e Complementares na atenção básica em saúde: um estudo bibliométrico da produção brasileira. *Saúde Debate*, 2019; 43(123): 1205-1218.

ALMEIDAJ. R. DE, VIANINIM. C. DOS S., SILVAD. M., MENEGHINR. A., SOUZAG. DE, & RESENDEM. A. (2018). O enfermeiro frente às práticas integrativas e complementares em saúde na estratégia de saúde da família. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, (18), e77. <https://doi.org/10.25248/reas.e77.2019>

ALVES, K. Y. A. et al. Práticas integrativas e complementares no tratamento oncológico e o papel da enfermagem. *J. Res. Fundam. Care*, v. 7, n. 4, p. 3163-3174, out.-dez. 2015.

AMAR, A.; RAPOPORT, A.; FRANZI, S. A.; BISORDI, C.; LEHN, C. N. Qualidade de Vida e Prognóstico nos Carcinomas Epidermóides de Cabeça e Pescoço. *Revista Brasileira Otorrinolarigologista*, v. 68, n. 3, p. 400 - 403, 2002.

ANDRADE ALVES K. Y, SILVEIRA DE ASSIS Y. M, TUANI CANDIDO DE OLIVEIRA SALVADOR P, ABDIAS DO NASCIMENTO C. P, VIEIRA TOURINHO F. S, PEREIRA SANTOS V. E. *Práticas integrativas e complementares no tratamento oncológico e o papel da enfermagem*. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online* [Internet]. 2015;7(4):3163-3174.: Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=505750948032>. Acessado em: 08/04/2024

APARECIDA, M.; OTANI, P.; FILICE DE BARROS, N. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/9QPwFdccDdPTSb633rbJVBq/?format=pdf>>.

ARAÚJO LG, et al. Cuidados paliativos em pacientes oncológicos: uma abordagem do conhecimento dos enfermeiros. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 2020; 12(11):e4663

AZEVEDO, Elaine de; PELICIONI, Maria Cecília Focesi. Práticas integrativas e complementares de desafios para a educação. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 9, n. 3, p. 361-378, 2011.

AZEVEDO, Cissa et al. Práticas integrativas e complementares no âmbito da enfermagem: aspectos legais e panorama acadêmico-assistencial. *Escola Anna Nery*, v. 23, 2019.

BACKES, D. S. et al. O papel profissional do enfermeiro no Sistema Único de Saúde: da saúde comunitária à estratégia de saúde da família. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 17, n. 1, p. 223–230, jan. 2012.

BEULKE, L. S., VANNUCCI, L., SALLES, L. F., TURRINI, R. N. T. (2019). Reiki no alívio de sinais e sintomas biopsicoemocionais relacionados à quimioterapia. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1019737>



BRASIL. Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Brasília, DF, fev. 1998.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 849, de 27 de março de 2017. Inclui a Arteterapia, Ayurveda, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala, Terapia Comunitária Integrativa e Yoga à Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. Diário Oficial da União. 28 Mar 2017

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS. 2ª Ed. Brasília: Ministério da Saúde. 2018a.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Manual de implantação de serviços de práticas integrativas e complementares no SUS. Brasília: Ministério da Saúde. 2018b

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Atenção à Saúde. Glossário temático: práticas integrativas e complementares em saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2018c.

BRASIL. Ministério da Saúde/ Secretaria de Atenção à Saúde/ Departamento de Regulação, Avaliação e Controle/Coordenação Geral de Sistemas de Informação – Manual de bases técnicas da oncologia – sia/sus - sistema de Informações ambulatoriais. 30ª edição. Brasília. 2022.

BRASIL. Instituto Nacional de Câncer - INCA. Ministério da Saúde. [s.d.]. Disponível em: Acesso em: 10 nov. 2023.

CAIRES, J.S et al. The use of complementary therapies in palliative care: benefits and purposes. *Cogitare enferm*, v. 19, n. 3, p. 514-20, 2014.

CARVALHO, J. L. da S., & NÓBREGA, M. do P. S. de S.. (2017). Práticas integrativas e complementares como recurso de saúde mental na Atenção Básica. *Revista Gaúcha De Enfermagem*, 38(4). <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2017.04.2017-0014>

CHAGAS, N.; LOCATELI, G.; GATO, C. M.; DE OLIVEIRA, G. G.; & ZENEVICZ, L. T. (2020). *Acendendo as luzes: uma inovação no cuidado a saúde dos pacientes oncológicos, familiares e equipe* (6th ed.). Saúde em Redes.

COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. Resolução COFEN Nº 581/2018. Atualiza, no âmbito do Sistema Cofen/Conselhos Regionais de Enfermagem, os procedimentos para Registro de Títulos de Pós-Graduação Lato e Strictu Sensu concedido a Enfermeiros e aprova a lista das especialidades. Brasília (DF): COFEN; 2018. Available from: [http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-581-2018\\_64383.html](http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-581-2018_64383.html)

COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. RESOLUÇÃO COFEN Nº 739, DE 5 DE FEVEREIRO DE 2024 – Normatiza a atuação da Enfermagem nas Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS). 2024

COUTO, D. S.; RODRIGUES, K. S. L. F. Desafios da Assistenciais de Enfermagem em Cuidados Paliativos. 2020. Revista: Enfermagem e Foco. Artigo 8. Revisão Integrativa.

CROCKER RL, et al. Integrative medicine primary care: assessing the practice model through patients' experiences. BMC Complement Altern Med, 2017;17(1): 490.

CRUZ PLB, SAMPAIO SF. As Práticas Terapêuticas Não Convencionais Nos Serviços De Saúde: Revisão Integrativa. Rev APS, 2016; 19(3): 483-494

DACAL, Maria del Pilar; SILVA, Irani Santos. Impactos das práticas integrativas e complementares na saúde de pacientes crônicos. Saúde debate. 42 (118): 2018.

FERRAZ IS, et al. Expansion of integrative and complementary practices in Brazil and the process of implementation in the single health system. Enferm Actual Costa Rica, 2020; 38: 196-208

FERNANDES, P.M.P; FARIA, G.F. A importância do cuidado multiprofissional Diagn Tratamento. 2021;26(1):1-3.

JACONODINO, Camila Bittencourt; AMESTOY, Simone Coelho; THOFEHRN, Maira Buss. A utilização de terapias alternativas por pacientes em tratamento quimioterápico. Cogitare Enferm, Pelotas, v. 14, n. 13, p. 61-66, 15 mar. 2008.

INCA - Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. ABC do câncer: abordagens básicas para o controle do câncer / Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. – 6. ed. rev. atual. – Rio de Janeiro: INCA,2020.

MATOS, Pollyane da Costa; LAVERDE, Carolina Rodrigues; MARTINS, Priscila Gomes; SOUZA, Juliana Martins de; FERREIRA, Nunila. Desafios e dificuldades na implementação das PIC na APS em um município do sudeste goiano. Disponível em: <https://docplayer.com.br> Acesso em: 7 jan. 2024.

MENIN, S. P. Benefícios no tratamento do câncer atrelado ao uso das Práticas Integrativas e Complementares. Revista Científica Perspectiva Ciência e Saúde, [S. l.], v. 5, n. 1, 2020. Disponível em: <http://sys.facos.edu.br/ojs/index.php/perspectiva/article/view/411>. Acesso em: 28 ago. 2022.

MILDEMBERG, R. et al. Práticas Integrativas e Complementares na atuação dos enfermeiros da Atenção Primária à Saúde. Escola Anna Nery, v. 27, 2023.

MILLER JP. O livro dos Chakras, da energia e dos corpos sutis: Uma nova visão das tradições antigas e modernas sobre os nossos centros de energia. 1 ed. São Paulo: Pensamento; 2015.

MOURA FVM, RABELO JB. Aspectos Socioculturais que envolvem o Câncer de Próstata na Ótica dos Usuários e Assistentes Sociais. *Revista Brasileira de Cancerologia* 2019; 65(2): e-05125 1-11

MUTZ BHB. Bem-estar e saúde mental em praticantes de yoga. *Revista REVISE*, 2022; 9: 185-207.

NASCIMENTO MC, et al. Formação em práticas integrativas e complementares em saúde: desafios para as universidades públicas. *Trab Educ Saúde*, 2018; 16(2): 751-722

OTANI, M. A. P., & BARROS, N. F. de. (2011). A Medicina Integrativa e a construção de um novo modelo na saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(3), 1801–1811. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000300016>.

PACHECO, L. S. P., et al. (2020). O processo de comunicação efetiva do enfermeiro com o paciente em cuidados paliativos. *Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento*, 9 (8), e747986524

PEREIRA, E. C., SOUZA, G. C. De., & SCHVEITZER, M. C.. (2022). Práticas Integrativas e Complementares ofertadas pela enfermagem na Atenção Primária à Saúde. *Saúde Em Debate*, 46(spe1), 152–164. <https://doi.org/10.1590/0103-11042022E110>

PETERS E, Mendoza Schulz L, Reuss-Borst M. Qualidade de vida após o câncer: como a extensão da deficiência é influenciada pelas características do paciente. *BMC Câncer*. 2016; 16 (1): 787.

REIS BO, et al. Avanços e desafios para a implementação das práticas integrativas e complementares no Brasil. *Ver APS*, 2018; 21(3): 355-364.

ROCHA, A. C. DE P. et al. Práticas integrativas da enfermagem aplicadas ao cuidado de pacientes oncológicos. *Revista Contemporânea*, v. 3, n. 12, p. 29323–29344, 15 dez. 2023.

SANTOS M de O, LIMA FC de S de, MARTINS LFL, OLIVEIRA JFP, ALMEIDA LM de CANCELA M de C. Estimativa de Incidência de Câncer no Brasil, 2023-2025. *Rev. Bras. Cancerol.* [Internet]. 6º de fevereiro de 2023 [citado 27º de dezembro de 2023];69(1):e-213700. Disponível em: <https://rbc.inca.gov.br/index.php/revista/article/view/3700>

SANTOS, M. C. TESSER, C. D. Um método para a implantação e promoção de acesso às Práticas Integrativas e Complementares na Atenção Primária à Saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2012

SAVARIS LE, et al. Práticas Integrativas E Complementares - Análise Documental E O Olhar De Profissionais Da Saúde. *Rev Bras Promoç Saúde*, 2019; 32: 9439

SOARES, T. B., et al., O uso de Práticas Integrativas e Complementares na Enfermagem Oncológica: Revisão Integrativa. Revista de Casos e Consultoria, V. 12, N. 1, 2021.

SOUSA IMC, et al. Medicina Tradicional Complementar e Integrativa: desafios para construir um modelo de avaliação do cuidado. Cien Saúde Colet, 2018; 23(10): 3403-3412.

SOUZA AS, et al. Suzana Alves. Musicoterapia como instrumento de conforto para o paciente oncológico: revisão integrativa da literatura. Revista Saúde, 2019; 12: 3-4.  
SCHWAMBACH, L. B., & QUEIROZ, L. C.. (2023). Uso de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde no tratamento da depressão. *Physis: Revista De Saúde Coletiva*, 33, e33077. <https://doi.org/10.1590/S0103-7331202333077>

SUMIYA, A · et al. Práticas integrativas e complementares em saúde (PICs): Um relato de experiência extensionista 2021 — *Extensio: R. Eletr. de Extensão, Florianópolis*, Santa Catarina, Brasil. ISSN 1807-0221. DOI: <https://doi.org/10.5007/1807-0221.2021.e77324>

TELESI JÚNIOR, E. Práticas integrativas e complementares em saúde, uma nova eficácia para o SUS. Estudos Avançados, São Paulo, v. 30, n. 86, p. 99-112, 2016.

TENG L, JIN K, HE K, BIAN C, CHEN W, FU K et al. Use of complementary and alternative medicine by câncer patients at Zhejiang university teaching hospital Zhuji hospital, China. Afr J Tradit Complement Altern Med 2010; 7 (4): 322-30.

TURKE, Karine Corcione; CANONACO, Juliana Seidler; ARTIOLI, Thiago; LIMA, Marina Sabin de Souza; BATLLE, Amanda Ribeiro; OLIVEIRA, Fernanda Cordeiro Pimentel de; CUBERO, Daniel de Iracema Gomes; SETTE, Claudia Vaz de Melo; GIGLIO, Auro del. Depression, anxiety and spirituality in oncology patients. Revista da Associação Médica Brasileira, [S.L.], v. 66, n. 7, p. 960-965, jul. 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9282.66.7.960>.

XAVIER, L. M.; TAETS, G. G. DE C. C. A importância de práticas integrativas e complementares no tratamento de pacientes com câncer. Enfermagem Brasil, v. 20, n. 1, p. 82–93, 18 mar. 2021.